

# Um olhar para a juventude

» MOZART NEVES RAMOS

Titular da Cátedra Sérgio Henrique Ferreira do Instituto de Estudos Avançados da USP de Ribeirão Preto

Quando um jovem abandona a escola, quem perde é o futuro da nação. No Brasil, são quase 500 mil jovens que deixam a escola por ano — é quase um jovem por minuto. Isso não só é muito triste como extremamente preocupante. O direito à educação não logrou êxito. Considerando que em média, por ano, um estudante de ensino médio custa R\$ 6.500, isso significa, fazendo uma conta de padreiro, que o país perde mais de R\$ 3 bilhões de reais só com o abandono escolar nessa última etapa da educação básica. Mas o Brasil perde muito mais se olharmos o custo social que o abandono representa. O caminho mais frequente é o de engrossar as fileiras dos chamados nem-nem, que nem estudam nem trabalham. Disso resulta o ócio que leva muitas vezes a caminhos tortuosos, vinculados à droga e ao tráfico. Não é à toa que há uma relação direta entre a taxa de jovens nem-nem e a relacionada ao homicídio juvenil.

As razões mais frequentes para esse abandono no ensino médio estão vinculadas à busca por atividade laboral, à gravidez e ao desinteresse escolar. Sobre a primeira razão, a pandemia causou um impacto importante, pois os jovens foram muito pressionados a buscar trabalho para compensar a perda de renda familiar. Para piorar, agora a inflação chega com toda a força, tirando o prato de comida das famílias mais pobres, o que leva também os jovens a buscarem trabalho — e isso compete com a escola. Como esses jovens não foram preparados com a formação adequada para o mundo do trabalho, muitas vezes essas atividades laborais são precárias e de baixíssima remuneração.

Quanto ao desinteresse escolar, o jovem quer uma escola que caiba na vida, que seja capaz de dialogar com o seu mundo. E ele não encontra isso na escola atual. Estamos esperançosos de que o chamado novo ensino médio proporcione esse diálogo do jovem com a escola. Mas, mesmo antes do novo ensino médio, o Brasil já vem implementando o modelo pernambucano das chamadas Escolas de Ensino Médio de Tempo Integral (Emti) — o que não significa apenas mais tempo na escola, pois mais tempo numa escola chata é castigo para o estudante, mas uma escola que implementa o tempo integral com educação integral, cuidando assim do desenvolvimento pleno do estudante, em consonância com o que apregoa o artigo no 205 da Constituição Federal. Esse modelo levou Pernambuco, em 2007, das últimas posições no ranking nacional do



Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) para as primeiras posições desde a edição de 2015. A taxa de abandono escolar é próxima de zero, e hoje o estado já tem quase 60% da rede escolar de ensino médio de acordo com esse modelo.

Mas não basta ter apenas uma boa escola de ensino médio. É preciso ter uma política de pós-médio, caso contrário o ensino médio é o teto para os jovens que o concluem, e assim apenas se adia o ingresso nos nem-nem. Isso passa por uma formação técnica profissionalizante. Para isso é importante oferecer uma formação alinhada com as necessidades da cadeia produtiva local, para que, após o término dessa formação, a possibilidade de o jovem ter empregabilidade seja maior. É importante lembrar que, de cada 100 jovens que concluem o ensino médio, apenas 22 vão para o ensino superior. Assim, é importante pensar nos 78 jovens que eventualmente vão precisar dar continuidade aos estudos ou buscar alguma atividade laboral — mas, para isso, é preciso que estejam bem

preparados. Comparados aos que concluíram o ensino médio, mas não tiveram uma formação técnica profissionalizante, esses jovens que obtiveram uma certificação nessa modalidade ganham 15% mais em renda.

Pensar na nossa juventude é pensar no futuro do país. É importante lembrar que a pirâmide demográfica está mudando drasticamente. Sua base está ficando mais estreita, enquanto o topo se alarga e cresce. Para sustentar essa pirâmide, vamos precisar mais do que nunca de jovens muito bem formados. O Brasil não pode se dar ao luxo de perder nenhum de seus jovens, caso queira sonhar com um futuro sustentável, assim como fez a Coreia do Sul, que, ao perceber tal mudança, investiu maciçamente em educação, chegando a criar o slogan “febre de educação” para mobilizar o país em prol dessa causa. Enquanto isso, nosso país dá prioridade à educação domiciliar.

(Este artigo é dedicado aos 28 anos de vida de minha querida filha Marília Torres Ramos.)

## Quais adaptações da indústria de mineração finlandesa podem ser compartilhadas com o Brasil?

» ILONA LUNDSTRÖM

Diretora-geral de Inovação e Financiamento Empresarial do Ministério da Economia e Emprego da Finlândia

O Brasil é uma superpotência em vários setores e a mineração é uma de suas indústrias-chave. O país tem destaque no setor global de minério em termos de produtividade e reservas. O bom desempenho brasileiro na produção e exportação explica o porquê de empresas locais traçarem, cada vez mais, planos de investimentos que possibilitem o desenvolvimento e a adoção de processos sustentáveis. Com tecnologias digitais, podemos aumentar a produtividade e a segurança na mineração.

Além de contribuir para a arrecadação de impostos e geração de empregos, a mineração é responsável por um legado de desenvolvimento social e tecnológico que pode ser mais eficiente e sustentável. É uma exigência de nosso planeta: precisamos promover e incentivar inovações na mineração, bem como adotar melhores práticas no setor.

As oportunidades estão no horizonte, pois a mineração já está adotando processos e produtos compatíveis com os padrões internacionais de ESG (environmental, social and governance). Tecnologias novas e sustentáveis devem impulsionar projetos. De acordo com um relatório do Grupo Banco Mundial, a produção de grafite, lítio e cobalto pode aumentar em quase 500% até 2050 para atender às demandas por tecnologias de energia limpa.

Além de investimentos, é importante promover parcerias para o desenvolvimento técnico em prol da sustentabilidade. A mineração sustentável deve permear toda a cadeia

produtiva para favorecer o desenvolvimento econômico e social, viabilizando mais segurança, preservação ambiental e melhorias para comunidades locais e originárias.

Acredito que Brasil e Finlândia podem se beneficiar do diálogo e colaboração, pois ambos têm longa história na mineração. A Finlândia saudou o Brasil pelo recente lançamento do Plano Nacional de Mineração (PNM 2050), cuja gestão de longo prazo visa orientar políticas que contribuam para o desenvolvimento sustentável do segmento no país. A construção colaborativa do plano assina o compromisso brasileiro com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e a transição para economia de baixo carbono.

A Finlândia está, neste momento, reformando a Lei de Mineração para elevar o nível de proteção ambiental e garantir as condições de operação das minas, melhorando a compreensão da sociedade e gerando oportunidades. Novas tecnologias contribuem para alcançarmos esses objetivos.

Por isso, consideramos fundamental investir em pesquisa e desenvolvimento para reduzir o impacto ambiental da mineração. Uma boa ideia é a eletrificação das máquinas, que melhora as condições de trabalho e reduz a pegada de carbono das operações.

Também apostamos na digitalização para refinar o monitoramento de procedimentos e instalações, como barragens e lagoas, no local da mina. O controle on-line melhora a eficiência dos processos e a recuperação dos ambientes, ao passo que minimiza o uso de

matérias-primas, incluindo água e produtos químicos. Além dos aspectos ambientais, a digitalização, inteligência artificial e a eletrificação elevam o desempenho e a segurança do trabalho, expandindo eficiência e economizando custos. Essa nova forma de fazer e pensar a mineração requer diálogo aberto e cooperação entre a indústria e stakeholders.

A troca contínua permite que encontremos soluções para limitar distúrbios na comunidade. Por isso, as partes interessadas devem ser informadas sobre as operações e desenvolvimentos, inclusive de novas tecnologias e soluções voltadas para redução do impacto ambiental e melhoria da utilização de matéria-prima.

Sabemos que novos métodos possibilitam encontrar frações valiosas nos fluxos secundários das minas, nos resíduos de rochas e nos rejeitos. Investigá-los fornece conhecimento sobre como extrair mais matérias-primas valiosas e como reutilizá-las. É possível, por exemplo, reaproveitar os rejeitos da mineração na construção civil, substituindo areia e outros materiais não renováveis. Cumprimos, assim, princípios da economia circular.

Na Finlândia, o envolvimento dos stakeholders e as possibilidades de influência da comunidade local e dos municípios são reforçados na legislação. Apreciamos a cooperação. Eu gostaria de ver o Brasil e a Finlândia conectando o melhor das inovações de ambos os países para criarmos, juntos, um futuro mais sustentável.

## Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

## Dois minotauros

É bom que os antigos paladinos da Justiça, em sua grande maioria, composta pelas equipes que fizeram parte da força tarefa da Lava-Jato, providenciem, o quanto antes, meios de colocarem as barbas de molho, de preferência, por meio da urnas, nas próximas eleições, elegendose para os cargos de deputados, senadores ou seja lá o que for. Importa aqui que eles obtenham algum tipo de prerrogativa de foro ou blindagem política. A outra opção é evadir-se do país, buscando refúgio em outras nações.

A questão é simples: o aparelhamento da Justiça, principalmente nas altas Cortes, ganhará ainda mais fôlego e audácia, com um possível retorno do ex-presidente Lula e de todo o seu grupo, conforme indicam as pesquisas de opinião.

Depois de ter feito parceria com o presidente Bolsonaro, que lhe daria carta branca para agir contra a praga secular da corrupção, o ex-juiz Sergio Moro, um neófito nas artimanhas da política, abandonou a magistratura e foi varrido pelos ventos da sua política nacional. Caiu numa espécie de desgraça, sendo perseguido pela esquerda e pela direita.

Do mesmo modo, um a um dos antigos protagonistas da Justiça, que atuaram contra os poderosos corruptos, vão sendo colocados na alça de mira de uma Justiça totalmente desacreditada e partidarizada. O retorno do demiurgo de Garanhuns, promete mais uma saivada de balas contra os membros dessa antiga força-tarefa. Não há quem possa defendê-los, nem de um lado nem do outro.

O Congresso, ao qual deveria caber a tarefa de tomar para si o combate à corrupção, há muito lavou as mãos, uma vez que muitos de seus membros estão atolados em suspeitas nessa e em muitas outras operações da Polícia Federal. O Ministério Público, que foi saudado como a grande esperança de justiça e de correção dos rumos do Estado, depois da redemocratização, não consegue agir em todas as dimensões.

Mesmo os órgãos de fiscalização das movimentações de dinheiro estão sob domínio das forças políticas, que estenderam seus tentáculos para outras repartições públicas, como o Tribunal de Contas da União e dos estados, todas igualmente dominadas por grupos políticos. Não há espaço para a atuação e desempenho da Justiça, como todas as brechas para a realização de operações contra a corrupção, foram vedadas.

A população, que a tudo assiste, entre inerte e sem esperança, a essa altura dos acontecimentos, percebe que as eleições de outubro próximo, pelos caminhos traçados pelos poderosos, tornou-se um jogo de carta marcada, servindo apenas para selar o destino malfazejo.

Em outubro, milhões de brasileiros entrarão cegos para o labirinto, sendo, desta feita, perseguidos não por um minotauro, mas por dois desses seres com corpo de homem, cabeça e cauda de touro. Um deles virá pela porta de entrada e o outro, pela porta de saída.

### » A frase que foi pronunciada

“Subjugue seus apetites, meus queridos, e você conquistou a natureza humana.”

Charles Dickens

### Formigas x cigarras

» No último dia de maio, foi publicado no *Diário Oficial do DF*, pela Secretaria Executiva das Cidades, sobre uma ratificação de inexigibilidade de licitação de interesse da administração Regional de Brasília. Foram R\$ 85 mil não para saneamento básico, mas para o cantor Fernandinho. Cem mil reais, não para reforma de escolas, mas R\$ 50 mil para o cantor Thiago Jhonathan (a grafia é esta) e R\$ 50 mil para Lucas Reis e Thácio, enquanto as quadras de esporte estão aos pedaços, e R\$ 130 mil para o É o Tchan, enquanto alunos penam pela falta de transporte público. Caro administrador Marcelo Gonçalves da Cunha, festejar é bom, mas depois de cumpridos os deveres.

### Caixinha, obrigado

» Por iniciativa do Tribunal de Contas do Distrito Federal (TCDF), o GDF suspenderá a reforma da piscina de ondas. Se há intenção de vender para a iniciativa privada, melhor economizar os R\$8 milhões do aprimoramento.

### Mais que merecido

» Márcio Fava tem conseguido adesão dos moradores do Taquari para a instalação do Parque Ecológico na área. A empreitada é urgente, uma vez que falta espaço para lazer e socialização. Outra importância do parque é a mesma de todos os outros desta cidade: conter invasões e a gana dos empreiteiros. São 22 anos de espera para que o projeto saia do papel.

### » História de Brasília

*Eu ia passando ontem em frente à Escola Parque, e vi uma fila enorme de camelôs, bem organizados, com banquinhas em carrinhos com rodas de bicicletas. (Publicada em 1/3/1962)*